



---

A presença do Islã no/ do Brasil – histórias de imigração, conversão e preconceito

Autora: Luciana Garcia de Oliveira

Fonte: *Latin America & Caribbean Islamic Studies Newsletter*, Vol. 2, No. 1 (October 2021), pp. 2-10.

---

# A presença do Islã no/do Brasil – histórias de imigração, conversão e preconceito<sup>1</sup>

Luciana Garcia de Oliveira

## Introdução:

A presença pouco expressiva de muçulmanos na América Latina e no Brasil reflete no insólito conhecimento de Islã dentro das sociedades latino-americanas.

Por outro lado, o islã é considerado a religião que mais cresce no mundo. De acordo com a pesquisa intitulada *O Futuro das Religiões do Mundo*, estima-se que, até o ano de 2050, o islã ultrapasse o cristianismo e se torne a religião com o maior número de adeptos no mundo. Apesar disso, esse estudo aponta que, até o ano de 2050, a população de muçulmanos na América Latina será em torno de 194 mil pessoas. Quantidade inferior aos seguidores do islã registrada em 2010 em países de pequenas dimensões, como a Espanha e a Itália.<sup>2</sup>

A América Latina é considerada uma região *sui generis* porque abriga uma fração mínima de muçulmanos no mundo. Isso acontece por algumas razões. Os países latino-americanos não registram um expressivo fluxo migratório de pessoas procedentes de regiões onde o islã é a principal religião, muito provavelmente porque os países da América Latina não possuem uma estrutura adequada para abrigar refugiados muçulmanos advindos de locais em conflito, como a Síria, o Iêmen e a Palestina. Além disso, atualmente, os países latino-americanos não apresentam uma estabilidade econômica capaz de oferecer uma oferta expressiva de empregos a grandes contingentes de imigrantes e de refugiados.

No ano de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contabilizou 35 mil seguidores do islã no Brasil, mediante uma população total de 190,7 milhões. A

---

<sup>1</sup> Parte desse artigo é resultado do projeto de pesquisa *Transforming the Religious Landscape: Orthodoxies among Islamic and Jewish Communities in Argentina and Brazil* (2017-2018) financiado pelo Instituto H. Truman da Universidade Hebraica de Jerusalém.

<sup>2</sup> The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050. Pew Research Center – Religion & Public Life, disponível em: <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>. Acessado no dia 16 de outubro de 2018.

pesquisa ainda aponta que um terço dos muçulmanos no/do Brasil estaria concentrado na região metropolitana de São Paulo, e parte considerável desse montante é formada por muçulmanos convertidos.<sup>3</sup>

Apesar de a história do islã no Brasil se ter iniciado com a chegada de escravos muçulmanos ao estado da Bahia, o islã, do modo como é conhecido até os dias de hoje, advém da imigração árabe ao Brasil.

### **O Islã de imigração**

Foi no século XIX que muitas famílias sírias, libanesas e palestinas se estabeleceram em algumas cidades do nordeste brasileiro, como Fortaleza – CE e Recife – PE. As razões econômicas para a saída do Império Turco-Otomano rumo ao Brasil teriam sido motivadas por alguns encontros entre líderes da região com o então imperador Dom Pedro II, em 1887. De acordo com o historiador brasileiro de origem libanesa e diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina na Universidade *Saint-Esprit* de Kaslik, no Líbano (CECAL-USEK), Roberto Khatlab, o discurso sedutor do imperador Dom Pedro II atraiu muitas famílias árabes, pois enfatizava as inúmeras possibilidades que o Brasil ofereceria aos seus novos habitantes (2015: 17). A ampla divulgação sobre a nova terra resultou na chegada dos primeiros imigrantes árabes palestinos originários de Belém, Nazaré e de Jerusalém, ao estado do Ceará, Pernambuco e Piauí.

A comitiva brasileira na região do Oriente Médio chamou a atenção da população local. De uma maneira indireta, o monarca incentivava a vinda dos palestinos, sírios e libaneses ao Brasil e inaugurava uma nova “rota dos trópicos”. Dom Pedro II registrou em seu diário de viagem que ouvia nas ruas de Damasco que “eles, os árabes, querem emigrar para o Brasil” (Ibid., p. 17).

Era notado que, entre os imigrantes otomanos, os cristãos formavam grandes comunidades nas Américas quando comparados aos muçulmanos. Tal discrepância

---

<sup>3</sup> Ángel Bermúdez. “Por que a América Latina é a única região do mundo onde o islã não cresce”. BBC-Brasil, abril de 2017, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>. Acessado no dia 16 de outubro de 2018.

deveu-se ao fato de os imigrantes cristãos chegarem à América acompanhados de suas esposas, mães e filhas, ao contrário dos homens muçulmanos, que, geralmente, chegavam sozinhos, na esperança de que a ascensão econômica os viabilizasse trazerem suas mulheres. Quando a adaptação fracassava, as comunidades muçulmanas partiam rumo a um outro país de maioria islâmica ou retornavam à terra natal. Muito provavelmente, um grande número de muçulmanos otomanos trocou de nome e se converteu ao cristianismo antes mesmo de embarcar às Américas. As conversões, imigrações e as mortes resultaram na diminuição drástica da presença islâmica nas Américas do Sul e do Norte (KARPAT, 1985: 185). A pouca presença de mulheres muçulmanas inviabilizou novas uniões familiares pelo matrimônio, o que implicou diretamente na quase extinção dos muçulmanos no “Novo Mundo”.

Entre 1872 e 1949, houve um intenso fluxo de imigrantes, formado em torno da entrada de mais de 5 milhões de estrangeiros no Brasil. E, de acordo com o governo brasileiro, muitos grupos que chegaram, quando não eram categorizados como europeus, eram conseqüentemente categorizados como “outros” pelos órgãos oficiais, como é o caso dos japoneses e dos imigrantes vindos do Oriente Médio, como os “turcos”, sírios e libaneses (LESSER, 1995: 7).

Os imigrantes árabes, em sua maioria sírios, libaneses e palestinos, continuaram a chegar ao Brasil, mais notadamente à cidade de São Paulo, em decorrência dos recentes conflitos no Oriente Médio, como a *Nakba* palestina (1948), a guerra do Líbano na década de 1970, os massacres nos campos de refugiados palestinos de *Sabra* e *Chatila* no Líbano, em 1982, e a guerra de junho de 1967.

Muito embora a comunidade muçulmana fosse considerada minoria, foi por meio desses muçulmanos que a comunidade islâmica se estabeleceu no Brasil. A professora de Ciências da Religião da Universidade Mackenzie, Lidice Meyer Pinto Ribeiro, (2012) lembra que em 1928 foi inaugurada, na Avenida do Estado, em São Paulo, a primeira sociedade beneficente muçulmana do Brasil, com 62 pessoas arroladas, originárias da Síria, Líbano, Palestina, Nova Granada e Egito. A primeira mesquita do Brasil e da América Latina, a Mesquita Brasil, foi construída em 1929 e inaugurada, mais adiante, em 1960, no bairro do Cambuci, em São Paulo. Foi neste mesmo período que foi

“construída a Escola (colégio) Islâmica (o) no bairro da Vila Carrão, na capital paulista” (Ibid., p. 119).

Essa população se expandiu gradualmente, de acordo com a matéria publicada pelo site da BBC – Brasil. O número de mesquitas e *mussalabs*, somente no Estado de São Paulo, cresceu cerca de 20% em 2015. O crescimento teria sido impulsionado pela chegada dos refugiados muçulmanos da Síria e de alguns países africanos, como a Nigéria, o Sudão, o Congo, Gana e a Tanzânia, e pela conversão de brasileiros ao islã. A reportagem aponta que, dos 30 centros islâmicos espalhados pelo estado de São Paulo, 5 foram abertos de janeiro a setembro de 2015.<sup>4</sup> As novas mesquitas, centros islâmicos e *mussalabs* atendem, sobretudo, brasileiros convertidos ao islã dos bairros periféricos da capital paulista, como o Tatuapé, o Aricanduva, o Guaianazes, o Veleiros e o Embu das Artes.

As pesquisas do IBGE do ano 2000 registraram a presença de 27.239 brasileiros que se declararam muçulmanos. Desses, a maior concentração está nas regiões Sudeste (13.953), com destaque para São Paulo, com 12.062 muçulmanos, e Sul (9.590), com destaque para o Paraná, com 6.025 muçulmanos (RIBEIRO, 2012: 140). Atualmente, o Brasil possui uma comunidade muçulmana formada basicamente por imigrantes do Oriente Médio, seus descendentes e por brasileiros convertidos ao islã. A comunidade muçulmana do/no Brasil é quase completamente urbana, se concentrando, em sua maioria, nas cidades de Foz do Iguaçu, de Curitiba e de São Paulo. Em São Paulo, as identidades muçulmanas são, em sua maioria, sunitas, compostas por movimentos islâmicos transnacionais e por um contato próximo com o islã praticado no Oriente Médio, mais notadamente no Egito, com alguns elementos culturais brasileiros, o chamado islã do Brasil (HILU, 2005: 230).

### **As conversões/reversões e o preconceito no Brasil**

Embora a grande maioria dos muçulmanos em São Paulo seja formada basicamente por imigrantes árabes e seus descendentes, o número de brasileiros não

---

<sup>4</sup> Camila Costa, “Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo”, BBC-Brasil, disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911\\_mesquitas\\_saopaulo\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc). Acessado no dia 14 de abril de 2018.

árabes que se convertem ao islã está crescendo progressivamente, seja através de relações pessoais, por influência da literatura, por intermédio de casamento e do intenso trabalho missionário, o *Dawah*<sup>5</sup>, realizado por instituições islâmicas organizadas nas mesquitas com financiamento advindo do exterior, por parte de alguns países árabes, como o Egito e a Arábia Saudita, considerados referências nos estudos de teologia islâmica.

Um dos mais importantes centros islâmicos de São Paulo, a Liga da Juventude Islâmica, também conhecida como mesquita do Pari, localizada na rua Barão de Ladário, no bairro do Brás, possui ligações com algumas instituições de *Dawah* do Egito. Eventualmente, alguns grupos de muçulmanos convertidos adquirem bolsas de estudos para estudar a língua árabe e a religião islâmica na conceituada Universidade de *Al-Azhar*, no Cairo. Além disso, alguns emissários egípcios costumam passar longas temporadas em São Paulo, a fim de distribuir exemplares do *Alcorão* traduzido em língua portuguesa, literatura islâmica e *hijabs*, e *abayas* para as mulheres brasileiras convertidas.

Diferentemente das demais mesquitas de São Paulo e arredores, como a Mesquita Brasil e a mesquita de São Bernardo, a Liga da Juventude Islâmica é considerada mais acessível aos brasileiros convertidos ao islã. Por isso, esse centro islâmico é o que concentra a maioria dos muçulmanos do Brasil. Isso ocorre por muitas razões. A Liga da Juventude Islâmica é tradicionalmente coordenada por xeques que falam a língua portuguesa. Durante 4 anos, a mesquita foi coordenada por um xeque brasileiro convertido ao islã. Por isso, a Liga da Juventude Islâmica oferece diversos cursos e palestras ofertados em língua portuguesa. Mesmo no caso de convidados vindos do Oriente Médio, a mesquita do Pari dispõe de equipamento de tradução simultânea, de modo que o conteúdo seja acessível a todos os muçulmanos brasileiros.

Por outro lado, e de modo contraditório, o material de *Dawah* distribuído em São Paulo contém uma “mentalidade árabe”, considerada distante da realidade brasileira e ocidental. A maioria das mesquitas de São Paulo, com exceção da Liga da Juventude Islâmica, tende a promover uma espécie de “arabização” dos muçulmanos, sobretudo entre os muçulmanos brasileiros convertidos. Em algumas ocasiões, tal imposição étnica gera desagrado entre a comunidade muçulmana brasileira. De um modo geral, os

---

<sup>5</sup> *Dawah* é o nome dado ao trabalho de divulgação do islã no mundo. A prática do *Dawah* é considerada uma obrigação de todos os muçulmanos.

muçulmanos brasileiros não se sentem acolhidos nos espaços islâmicos, nas mesquitas e nas *mussalabs* espalhados pela cidade de São Paulo. De acordo com Vitória Peres de Oliveira (2006), os conflitos étnicos começam a se tornar realidade a partir do momento em que existe a presença de uma comunidade imigrante ativa (2006: 13).

Vale a pena ressaltar que a Liga da Juventude Islâmica do Brasil foi fundada muito recentemente, no ano de 2004, após 6 anos de arrecadação de fundos para a construção da mesquita na cidade de São Paulo. De acordo com Cristina Maria de Castro (2007), em 1998, alguns imigrantes árabes muçulmanos fizeram um projeto de construção de uma mesquita no bairro do Brás, região onde se concentra a comunidade imigrante muçulmana. Esses imigrantes procuraram por ajuda financeira junto aos seus conterrâneos e a alguns países árabes, como a Arábia Saudita, o Kuwait, o Egito e os Emirados Árabes Unidos (Ibid., p. 53). A mesquita do Pari foi construída pela comunidade árabe imigrante como um espaço étnico, a fim de integrar a comunidade árabe e muçulmana no exílio. A mesquita nunca foi pensada apenas como um espaço sagrado da religião islâmica, mas também como um espaço social de encontros, de reuniões e de festas.

A identidade islâmica em São Paulo combina elementos diaspóricos, religiosos e étnicos. Entretanto, é notado que, muito embora as mesquitas sejam espaços referenciais da identidade árabe e islâmica, a comunidade árabe quase não frequenta as atividades rituais, como as orações diárias e de sexta-feira. A presença árabe só se torna visível nas datas importantes do calendário nacional árabe e durante algumas celebrações do calendário islâmico, no *Eid al-Adha* e no *Eid al-Fitr*.<sup>6</sup> O envolvimento da comunidade árabe com a situação política de seus países de origem está muito presente. Por outro lado, foi constatado em um trabalho de campo na forma de entrevistas que, entre os muçulmanos brasileiros, algumas temáticas nacionalistas árabes, como a causa palestina e a guerra civil na Síria, não são tratadas com o mesmo interesse. Os muçulmanos convertidos estão mais concentrados nos rituais da religião islâmica.

---

<sup>6</sup> *Eid al-Adha* significa “Festa do Sacrifício”. É um feriado islâmico que remonta à disposição de Abraão em sacrificar o seu filho Ismael em obediência a Allah e à misericórdia de Allah em colocar um cordeiro no lugar de Ismael no último momento. O *Eid al-Adha* também marca o fim do *Hajj*, a peregrinação anual a Meca, na Arábia Saudita. O *Eid al-Fitr* é a celebração do fim do *Ramadan*, quando os muçulmanos em todo o mundo quebram o jejum após um mês.

Apesar de os muçulmanos brasileiros frequentadores da Mesquita Brasil e da Liga da Juventude Islâmica reafirmarem seguir um islã puramente religioso, sem motivações políticas nacionais, as mesquitas sunitas de São Paulo adotam as diretrizes do grupo Irmandade Muçulmana do Egito. Essa situação se torna evidente ao levarmos em consideração o apoio financeiro dispensado pelo Egito na construção das mesquitas sunitas no passado e, atualmente, na confecção de todo o material de *Dawah* no Brasil: a edição de livros sobre temas relacionados ao islã traduzidos em língua portuguesa, além da oferta de cursos de língua árabe e religião na universidade *Al-Azhar*, no Cairo. Muitos muçulmanos convertidos na mesquita sunita têm a oportunidade de passar uma temporada de um mês estudando no Egito gratuitamente, bastando demonstrar interesse pelo curso a algum emissário do Egito pelas redes sociais ou pessoalmente, se acaso estiver em São Paulo. As despesas com hospedagem e com alimentação geralmente são pagas com a ajuda de alguns xeques da Arábia Saudita.

A estadia de um período de um mês no Egito ajuda os muçulmanos brasileiros a desenvolverem a língua árabe e o conhecimento do islã sunita. Na Universidade de *Al Azhar*, as aulas são ministradas por professores que são xeques seguidores das diretrizes do grupo político Irmandade Muçulmana.

Em entrevistas com alguns muçulmanos brasileiros frequentadores das mesquitas e dos centros islâmicos mais tradicionais de São Paulo, a maioria negou sofrer incidentes de intolerância religiosa no Brasil. Contudo, essa situação muda à medida que começam a surgir novas mesquitas e centros islâmicos nas regiões periféricas de São Paulo e à medida que cresce a procura pela religião por parte dos brasileiros da periferia.

No caso dos frequentadores da mesquita *Sumayyah Bint Khayyat*, em Embu das Artes, a situação é diferente. Muitos frequentadores dessa mesquita alegam ter sofrido ataques de conteúdo preconceituoso e intolerância religiosa. O que denota, por sua vez, que, além do preconceito religioso, no Brasil, existe um preconceito de classe social. Na matéria *Mesquita fundada em favela de SP resiste ao preconceito com fé e cultura* (2016), Kaab Abdul Al Qadir, muçulmano brasileiro convertido, afirmou que a imprensa, ao se referir à mesquita de Embu das Artes, já publicou reportagens tendenciosas, distorcidas e descontextualizadas. Em algumas ocasiões, a imagem de Kaab foi associada ao radicalismo e ao extremismo na imprensa brasileira e nas redes sociais.



Foi nessa ocasião, em meados dos anos de 2015 e de 2016, que a Polícia Federal desencadeou a primeira ação antiterror contra uma suposta célula do grupo terrorista Estado Islâmico no Brasil. Essa operação foi batizada *Operação Hashtag*. A investigação realizada pela Polícia Federal gerou uma série de controvérsias. Alguns indivíduos sob investigação foram expostos na imprensa brasileira. A maioria dos suspeitos eram jovens brasileiros convertidos ao islã. Muitos muçulmanos frequentadores das principais mesquitas de São Paulo, da Liga da Juventude Islâmica e da Mesquita Brasil consideraram que a operação da Polícia Federal estava sendo exercida de modo a estimular práticas de islamofobia no Brasil. Durante e após a *Operação Hashtag*, muitas mulheres muçulmanas foram vítimas de agressões de cunho racista e discriminatório, sobretudo nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

As reações ao Islã e aos muçulmanos no Brasil decorrem da complexidade da sociedade brasileira. Essa complexidade é refletida no modo como a sociedade atualmente compreende os imigrantes e os refugiados, de um lado, e a população nativa da periferia, sobretudo a população negra, de outro. No Brasil, o preconceito está mais associado às diferenças de classes do que ao *outro*, o estrangeiro. Os muçulmanos árabes e brasileiros das classes média e alta, geralmente, não vivenciam situações discriminatórias e de intolerância- diferentemente da situação dos refugiados africanos e dos muçulmanos convertidos nas periferias. Estes últimos são frequentemente associados à criminalidade e ao terrorismo.

O problema não é o Islã em si, mas o racismo estrutural do Brasil, traduzida na presença de muçulmanos negros convertidos nas periferias.

## **REFERÊNCIAS:**

Camila Costa, “Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo”, BBC-Brasil, disponível em:

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911\\_mesquitas\\_saopaulo\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc).

Castro, Cristina Maria de. (2007), A construção de identidades muçulmanas no Brasil: Um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás. São Carlos: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UFSCAR.

Guimarães, Juca (2016), “Mesquita fundada em favela de SP resiste ao preconceito com fé e cultura”, Ponte – direitos humanos, justiça e segurança, disponível em: <https://ponte.org/mesquita-islamica-fundada-em-favela-de-sao-paulo-resiste-ao-preconceito-com-fe-e-cultura/>.

Karpat, Kemal H. (1985), “The Ottoman Emigration to America, 1860-1914”. International Journal of Middle East Studies, nº 2: 175-209.

Khatlab, Roberto. (2015), As viagens do D. Pedro II – Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876. São Paulo: Benvirá.

Lesser, Jeffrey. (2013), “Um Brasil melhor”. História, Ciência, Saúde, nº 1: 1-14.

Oliveira, Vitória Peres. (2006), “Islam in Brazil or the Islam of Brazil?”. Religião e Sociedade, nº 2: 1-23.

Pinto, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. (2005), “Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas do Brasil”. Revista USP, nº 67: 228-250.

Ribeiro, Lidice Meyer Pinto. (2012), “A implantação e o crescimento do islã no Brasil”. Estudos de Religião, nº 43: 106-135.

Ribeiro, Lidice Meyer Pinto. (2011), “Negros islâmicos no Brasil escravocrata”. Revista USP, nº 91: 139-152.